TL4015-22

VII JORNADAS DE TIMOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

O MEU NOME É ALFREDO RODRIGUES

Eu sou de Lospalos, em Timor Leste.
Nasci no dia 14 de Outubro de 1969.

Eu tinha cinco anos de idade, quando a Indonésia invadiu Timor. Fugi para a montanha com toda a minha família .
Eu tinha um irmão mais velho, duas irmãs mais novas e também um irmão novo. A minha mãe foi morta pelo Batalhão 745. No dia 25 de Maio de 1982 um meu irmão foi morto pelo Batalhão 301.O meu pai foi morto pelo Batalhão 326. Eu alistei-me na FALINTIL, em 1981, quando tinha doze anos de idade e fiquei sob as ordens do comandante do leste. Aluk, e do vice-comandante Coroasu. Em 1982, fui escolhido para ser um guarda especial do Sr. Kay Rala Xanana Gusmão. Eu usava uma arma AR 15, que foi apreendida num ataque aos militares indonésios. Eu e os meus outros camaradas constituíamos uma guarda especial de 60 homens para a protecção exclusiva do nosso líder. Nós eramos combatentes guerrilheiros e moviamo-nos de um local para o outro.

Quando nos encontrávamos na montanha de Paicau, no Leste de Lospalos, recebi ordens do Sr. Xanana Gusmão para executar certas tarefas em Lorehe. Fui ferido no dia 3 de Outubro, por soldados indonésios do Batalhão 327, com cinco balas. Eles deram-me tratamento médico antes de me levaram para Dili, a capital de Timor-Leste, para o hospital militar. Depois de um mês e meio de tratamento, e apesar de eu ainda estar ferido, moveram-me para o SGI, ou forças especiais, por um período de três meses, e depois para Colmera, para uma outra prisão que é também uma prisão das forças especiais na mesma cidade. As tropas moveram-me mais uma vez para outra prisão em Baucau, onde me bateram, pontapearam, queimaram o meu corpo com cigarros e puseram-me uma mesa em cima das minhas unhas dos pés, enquanto me interrogavam, porque eu não lhes dei informações que os satisfizessem, e por essa razão os soldados das forças especiais arrancaram-me as unhas. Eu permaneci ali durante 6 meses. Mais uma vez, eles levaram-me para Lospalos. Depois de 2 meses transferiram-me outra vez para a prisão de Baucau e eu permaneci aí até 1990. Levaram-me outra vez para Lospalos . Aí a situação era muito melhor porque deixavam-me sair e passear, embora ainda sob o controle dos militares.Reiniciei a minha luta clandestinamente em Lospalos. Fui libertado

nos finais de 1990, tendo continuado a minha luta na rede clandestina , o que incluiu dar abrigo ao Sr. Xanana Gusmão, em Dili, e acompanhá-lo para as montanhas de Caikery, Paicau e Lorehe, voltando de novo para Dili.

Fui feito prisioneiro de novo a 9 de Junho de 1993, em Lospalos, porque os soldados descobriram que eu estava a trabalhar para a rede clandestina. Eles torturaram-me de novo. Puseram-me nu, bateram-me, pontapearam o meu estômago, o meu rosto, a cabeça, com as suas botas, até sangrar. Libertaram-nos a todos, no dia 17 Julho de 1993. Nessa altura éramos 63 pessoas no total, e todos foram torturados, como eu. Alguns deles eram professores e outros eram funcionários públicos.

Juntei-me mais uma vez à frente clandestina, e mais uma vez os militares descobriram que eu estava activo e por isso eu fugi para Dili, e continuei a minha viagem para Kupang em Timor-Oeste. Depois fui para Jacarta e continuei o nosso trabalho por alguns meses, mas a Indonésia pôs em campo os Serviços Secretos em Jacarta para me procurarem a mim e aos meus camaradas e nós decidimos pedir asilo político na Embaixada do Japão. Depois fomos enviados no dia 14 de Novembro de 1995 para Portugal.

Hoje, 7 de Dezembro de 1995, faz 20 anos de ocupação e 20 anos que as assassinas forças indonésias têm vindo a executar simplesmente a estratégia de genocídio físico e cultural sobre o nosso povo. Ao longo destes 20 anos, muitos dos nossos irmãos mauberes tombaram nas montanhas e outros foram exterminados cruelmente nas vilas e cidades ocupadas na defesa da nossa querida Pátria Timor.

Sete de Dezembro é o início de todas as torturas e exterminações sistemáticas que têm sido praticadas pelo colonialismo, vandalismo indonésio. Ao longo destes 20 anos as violações dos direitos humanos têm vindo a piorar sob todos os aspectos e níveis. A nossa Pátria continua ocupada, o nosso povo continua perseguido, preso, torturado e exterminado. A nossa cultura continua marginalizada e destruida. Os nossos irmãos e irmãs continuam a gritar nas cadeias, a aguentar várias formas de tortura perpetradas pelos inimigos, em Timor-Leste e na Indonésia. Muitas das nossas irmãs foram violadas nas cadeias e nas aldeias e algumas até têm filhos dos criminosos ocupantes. Centenas e centenas de milhares dos nossos irmãos estam desaparecidos e outros foram assassinados.

A exterminação dos nossos irmãos e as violações sobre as nossas irmãs em Dili, no dia 7 de Dezembro de 1975, ainda permanecem na nossa mente. Os terríveis bombardeamentos de 76-79 ... até as perseguiçoes e prisões arbitrárias de 80-90 estão ainda vivas dentro de nós. Os bombardeamentos de Matebian (fins de 1978) e os massacres de Taci Tolu (78-80), de Aitana (1981), de Kraras (1983), de Santa-Cruz (1991), de Liquica (1995), e outros em todo o território nacional, ainda hoje são por nós sentidos, arrepiando-nos.

Nos últimos 3 meses o ocupante tem vindo a reforçar as suas forças de seguranca em todo o território nacional, com o objectivo de difamar o Bispo D. Ximenes Belo, candidato ao Prémio Nobel da Paz, e de impedir quaisquer manifestações nas datas de 12 de Novembro e 7 de Dezembro. Além disso, persegue e afasta os jovens activos, de modo a esvaziar o território. Muitos jovens foram perseguidos, torturados e alvejados à queima-roupa pelos militares

indonésios nos últimos três meses; algumas centenas fugiram para as montanhas e outros para o exterior. Toda a população está traumatizada, vivendo numa situação de medo e de pânico.

Nem sequer perante esta situação dramática a Comunidade Internacional tomou qualquer medida concreta e adequada à sua resolução. Porque na sua relação com a Indonesia, os países que se auto-proclamam acérrimos defensores da paz e dos direitos humanos têm continuado a colocar os seus interesses económicos em primeiro plano. Este facto encorajou Jacarta a conduzir a sua política de forma a legitimar a vergonhosa anexação de Timor-Leste, por um lado, e por outro, a prosseguir a divisão e exterminação dos timorenses. Continua ainda a acusar Portugal de não mostrar boa vontade para resolver a questão de Timor-Leste. Mas na realidade é a Indonésia que não revela qualquer vontade para tal, continuando por exemplo, a manter uma posição de inflexibilidade nos diálogos, de forma a impedir uma solução para a questao de Timor-Leste.

No entanto, hoje em dia, dentro do próprio coração da Indonésia, cresce um clima favorável à Resistência Timorense. Muitos jovens e intelectuais estão conscientes de que a questão de Timor-Leste não é apenas internacional, mas é também uma questão nacional da Indonésia; uma questão nacional porque, ao longo de 20 anos de guerra contra a Resistência Maubere, os indonésios já perderam muitos dos seus homens e muitas pessoas vivem na pobreza, porque metade do orcamento do país foi utilizado para financiar a guerra em Timor-Leste.

No plano internacional, decorre actualmente um processo de contactos entre Portugal e a Indonésia, guiados pelo Secretario-Geral da ONU. Claro que todos nós desejariamos que se chegasse já ao cerne do problema. Claro que tambem não nos satisfaz este andar sem dar um passo em frente, em todo este processo.

Contudo, todos nos lembramos de uma década de relatórios de Perez de Cuellar numa ONU doente e paralizada. O resultado de 10 anos de dialogo sob a direcção do Secretário-Geral da ONU é praticamente nulo, embora tenha tido um mérito: manter a questão de Timor-Leste na agenda da ONU.

Actualmente, apenas reconhecemos que o Secretário-Geral da ONU, Boutros-Boutros Ghali, tem demonstrado uma preocupação para com a questão de Timor-Leste, mas continua-se no mesmo ritmo lento, porque não pressionam o regime de Jacarta a respeitar as resoluções tomadas pelo Conselho de Segurança e Assembleia Geral da ONU. Embora registemos alguns pontos positivos devido ao esforço do Secretario-Geral da ONU: o diálogo intra-timorense sob os auspícios das Nações Unidas; os encontros entre Ali Alatas e os dirigentes da Resistência, e entre Durão Baroso e os integracionistas. Estes encontros, embora informais, funcionam politicamente como um reconhecimento da nossa existência.

Constatamos tambem que Portugal continua coerente com as suas obrigações, mas temos que reconhecer que Lisboa tem uma imensa limitação na tomada de posições perante os outros países. Por isso, ao longo destes 20 anos não conseguiu fazer aliados nesta questao. Achamos que Portugal, como Potência

Administrante, deveria desenvolver permanentemente actividades políticas e diplomáticas com os outros países, de forma mais activa, e não apenas limitar-se a assuntos administrativos. E importante, ainda como Potência Administrante, seria disponibilizar fundos permanentes para a Resistência no seu todo.

Comprendemos e aceitamos que há factores que limitam as capacidades de Portugal. E reconhecemos também os esforços que têm sido feitos por Portugal nos últimos anos, embora tenhamos que exigir sempre algo mais.

Por outro lado, reparamos que a Indonésia é arrogante devido à sua superioridade e potencialidade económicas, continuando a ceder matérias-primas baratas a outros países poderesos; por esta razão, é que estes paises têm tomado uma posição política hipócrita ou "double standard" em relação à questão de Timor-Leste.

Hoje 7 de Dezembro de 1995, a Indonésia continua como único responsável pela inflexibilidade nas conversações. Jacarta é responsabilizada por uma criminosa invasão, por uma guerra assassina e de destruição que causou 300.000 mortos timorenses ao longo destes 20 anos; é culpada por uma guerra de genocídio, responsável pela morte dos jornalistas estrangeiros, pelo desrespeito dos princípios universais e das Resoluções do Conselho de Segurança da ONU; responsável pela abusiva e sistemática violação dos Direitos Humanos em Timor-Leste. Culpada, portanto, por todos os crimes cometidos no território ao longo destes 20 anos, continuando responsável pelos obstáculos que intencional e frequentemente tem vindo a criar para impedir uma solução verdadeiramente justa e aceitável pela comunidade internacional. Jacarta é a unica parte que não esta interessada na solução do problema, procurando prolongá-lo e mantendo uma situação de guerra para reforçar o seu poder. Todos os ditadores são iguais: criam sempre uma situação de guerra, para tornar eterno o seu poder e a sua dinastia.

Caríssimos compatriotas!

Depois de 20 anos, a situação e todo o processo revelam indícios de mudança. Alguns países começam a alterar a sua posição e pressionam a Indonésia respeitar os direitos humanos em Timor-Leste, incluindo a auto-determinação. Igualmente, a ONU conseguiu pressionar Jacarta a dialogar com a Resistência. Isto significa que se reconheceu a necessidade de consultar a parte timorense, cuja participação é determinante e indispensável para uma solução. Outro elemento novo e importante neste processo foi o diálogo intra-timorense que teve lugar em Schlaning-Austria. Neste verificou-se que o futuro de Timor-Leste apenas será decidido pelos timorenses, constituindo as outras partes apenas elementos complementares.

Existe um clima favorável em aumentar a pressão internacional sobre o regime de Jacarta, para que esta aceite dialogar directa e formalmente com a

Resistência, com vista a encontrar-se uma solução político-diplomática para a questão de Timor-Leste.

No entanto, aqui no exterior está-se perante uma situacao muito desconsolável que dificulta o acolhimento destas mudancas. Os timorenses estao divididos e criam organizações distintas para depois cada qual reclamar a legitimidade como representante da Resistência de Timor-Leste. Todos nós reconhecemos que a questão de Timor-Leste pertence a todos nós. Mas também temos que reconhecer que estamos em guerra e que temos um Comando Superior da Luta que dirige essa mesma luta. Se há mais do que um Comando da Luta numa guerra, então o outro é do inimigo, um Comando da Luta criado pelo inimigo para destruir a unidade e derrotar a verdadeira resistência. Temos de ter cuidado com as pessoas que não reconhecem o nosso Comando Superior da Luta. Temos de ser claros: o nosso Comando da Luta está instalado no interior da Pátria, o CNRM. Por isso, temos de ser humildes para executar todas as directrizes emanadas por esse Comando Superior da Luta. Temos o dever e o direito de sugerir algo como uma forma de contribuição para melhorar a nossa Resistência, e levar avante a nossa causa. Não se deve tomar uma posição política a isso oposta, porque a Indonésia é que se opõe ao nosso Comando da Luta.

Aos que praticam a política de "oposição democrática" que, pelos vistos vigora no seio dos nossos políticos, procurando chamar a atenção para a liberdade de opinião, recomendamos-lhes que utilizem melhor a sua inteligência para servir a Pátria, que não esforçem por conquistar já eleitorados. A nossa Pátria está em guerra, o nosso Povo está a ser crucificado vivo ao longo destes 20 anos. Por isso, guardem bem as políticas de oposição democrática nas malas. Será melhor aplicá-las no futuro, num Timor-Leste independente, porque o poder no Timor-Leste livre não será nunca uma cópia do actual regime de Jacarta.

Aos que pretendem que Portugal regresse para Timor-Leste para realizar um novo processo de descolonização, respondemos que essa é uma possibilidade. Mas temos de ser realistas: 20 anos já é tempo suficiente para percebermos que Portugal não tem vontade de voltar para Timor-Leste. Muitos dirigentes políticos portugueses já declararam publicamente que Portugal não tinha interesse em Timor-Leste, e que hoje continua a lutar ao lado da Resistência para apenas cumprir as suas responsabilidades morais e históricas como país colonizador.

O regresso de Portugal a Timor-Leste vai apenas reforçar a inflexibilidade da Indonésia em continuar a manter aí as suas forças. Por isso, a via mais rápida e adequada para a solução da questão de Timor-Leste só será encontrada através do envolvimento directo de todas as partes interessadas nos diálogos. Cremos que estes distintos políticos que desejam o regresso de Portugal a Timor-Leste, talvez sofram de um saudosismo piegas e míope, e estão impedidos, portanto, de olhar um pouco em seu redor e aperceberem-se de que o sonho desse regresso implica uma série de problemas.

Nós não nos opomos a tal generoso desejo de manter fortes relações futuras com Portugal, mas não será através de um retorno deste país que sentiremos estar a ser descolonizados. Digamos que, para esses políticos timorenses, essa parece ser a única alternativa.

Nós estamos orgulhosos por ter sido concedido a Timor-Leste o estatuto de observador na Comunidade Lusófona, o que pressupõe que virá a ser membro pleno dessa comunidade, como será nosso desejo e empenho. Sempre apoiamos o Plano de Paz do CNRM, porque não excluiu o regresso de Portugal.

Um outro grupinho de políticos e intelectuais que se tornou história, conhecido como o "grupo de reconciliação de Londres", promoveu uma "reconciliação" de acordo com as suas próprias consciências e interesses. É pena é que esta esquadra de políticos e intelectuais saiba hoje que é os restos do "tempe" de Ali Alatas e Habibie.

Outro grupinho de políticos e intelectuais (inclui o grupo de reconciliação) não apoia o Plano de Paz do CNRM, porque não entende profundamente o conteúdo desse mesmo plano. Segundo tal grupo, o Plano de Paz do CNRM defende uma autonomia de Timor-Leste integrada na Indonésia. Este é um entendimento errado sobre a autonomia que tem sido defendida pelo CNRM. É ainda mas irónico esquecerem-se do ponto principal da Fase III do Plano de Paz, que defende totalmente o referendum para Timor-Leste. Outros não apoiam o Plano de Paz do CNRM porque desejam o regresso de Portugal a Timor-Leste, ou talvez não concordem com o termo Maubere, ou, ainda, talvez sintam que não participaram na formulação de tal plano. O Plano de Paz não é uma coisa inflexível, mas um plano dinâmico, um plano discutível de acordo com o processo e o dinamismo do tempo. E ridículo quando um político e intelectual não consegue ver as coisas de forma sistemática e ordenada, e colocar bem as questões. Não foi pelo termo Maubere que a Indonésia invadiu Timor-Leste; não foi devido ao termo Maubere que a Indonésia ocupou vergonhosamente a nossa Pátria e continua a perseguir, torturar, violar e exterminar o nosso povo. Mas foi a ambição territorial e de domínio económico, por um lado, e por outro o produto da guerra fria entre os países poderosos.

Apelamos a todos para que compreendam melhor o papel que cada um está a desempenhar neste processo, e apoiem o Plano de Paz do CNRM, a fim de obrigarmos Jacarta a acelerar o processo de resolução da questão de Timor-Leste. Porque se não apoiarmos o Plano de Paz do CNRM significa que somos nós próprios, timorenses, a fornecer motivos a Jacarta para continuar a prolongar o sofrimento do nosso Povo.

Se afirmarem que estamos a impôr a nossa opinião a políticos e intelectuais timorenses, só podemos responder o que sabemos, e que estamos a impôr, e devemos apenas impôr, a vontade dos jovens e estudantes que estão ser vítimas desta guerra dura e prolongada; portanto impôr, sobretudo, a vontade do nosso Povo. Se cada um de nós declarar que as Falintil são de todos nós, porque gastamos

o nosso tempo a discutir teorias e termos que não têm relevância para responder à necessidade da nossa luta? Porque prolongamos o tempo e sacrificamos os nossos guerrilheiros, que diariamente enfrentam misérias e oferecem as suas vidas na defesa da Pátria? Se lutamos em nome do Povo, porque não unirmos-nos para encurtar o seu sofrimento? Se lutamos com a nossa consciência e colocamos os interesses comuns acima de todos os interesses pessoais, porque não submetermo-nos ao Comando Superior da Luta que tem conduzido a nossa luta ao longo destes 20 anos? Ou alguém vai argumentar que os dirigentes dentro do Comando Superior da Luta não foram eleitos democraticamente? A nossa Pátria está ocupada, está em guerra. Não há razões para discutir coisas irrelevantes e, enquanto o nosso Povo sofre, nós aqui no exterior continuamos saudáveis e os referidos grupos de políticos continuam irrealistas. Não temos vergonha de dizer que somos políticos e intelectuais *"de meia tigela"*, porque não sabemos interpretar cada processo que passa, não sabemos analisar as situações específicas e globais do mundo e da nossa própria situação, e sobretudo, não sentimos nem sabemos interpretar os anseios e os sofrimentos do nosso Povo. É por isso que cada um actua segundo os seus gostos pessoais. Esqueceram-se de que o nosso Povo ao longo de 20 anos continua organizado e resiste ao criminoso ocupante, porque tem tido um Comando Superior da Luta.

O *importante*, para nós, não se deve traduzir em *"ter uma vida regalada"* ... em viver num ambiente fácil e de clientelismos... num saborear delicioso da liberdade no mundo moderno: *e o prioritario*, na concepção do timorense de hoje, não se deve transformar na mera oportunidade de ter um bom emprego, nem na mera ambição de assegurar o mais rapidamente possível grandes somas de dinheiro.

O *importante* seria consignar a verdade de um facto e vivermos a verdadeira realidade de que, se em Portugal, Macau, Moçambique, Angola e Austrália nos apelidam de Timorenses, e porque temos uma Pátria, é porque pertencemos a um Povo e que, Pátria e Povo estão a ser hoje crucificados

Sim! *Pátria e Povo* deverão constituir o *importante* para nós ... Pátria e Povo estão crucificados, estão numa situação dificílima, situação que todos nós conhecemos; e exigimos uma participação activa em *unidade* para pôr fim a este tremendo pesadelo e sofrimento. Partamos pois, daqui, colocando os interesses comuns acima de todos os interesses pessoais, sobretudo colocando as prioridades dos nossos esforços sob um único interesse e ambição : *LIBERTAR A PATRIA E O POVO.*

De facto, libertar a Pátria e o Povo não é tarefa para "míopes" e nem tão pouco exclui o esforço de "gigantes". Libertar a Pátria não significa minimizar o desenvolvimento como pensam os miopes, mas também não significa que é desnecessário recrutarmos esforços de "gigantes Mauberes", como querem insinuar algumas "sabedorias".

Libertar a Pátria e o Povo exige, antes de tudo, a nossa própria libertação das dezenas de "ismos", das centenas de interesses pessoais e das milhares ambições que vigoram em nós: comodismo, hedonismo, egoismo, solipsismo, veteranismo, etc. etc. Libertar a Pátria e o Povo significa sobretudo, ***participar e servir em unidade e com abnegação e dedicação total.*** Por isso mesmo é difícil ... porque - como disse mui querido Comandante-em-Chefe das FALINTIL, Kay Rala Xanana Gusmao -, é preciso saber ***servir***, saber ser ***humilde, franco, aberto, corajoso e solidário.***

Os nossos herois tombados souberam ***servir,*** os nossos guerrilheiros das FALINTIL souberam ser ***humildes, francos, abertos, corajosos e solidários*** para aceitarem uma Comissão Coordenadora da Frente Diplomática. E eles já deram o que de melhor tinham. Esqueceram-se de tudo, das familias, das "rupias", dos escudos e dos dolares ... esqueceram-se de si mesmos ... para poderem participar e morrer ... Servindo a Pátria!

Temos que saber poupar as nossas fracas reservas de munições, ***participando e servindo***, mas sempre em *UNIDADE* ... porque é ***necessário e imperioso*** termos apenas um pensamento e um esforço - *UNIDADE NA LUTA* para *LIBERTARMOS A PÁTRIA.*

É urgente participarmos nesta luta, nesta guerra que o nosso próprio Povo aceitou, não como desafio, mas como um dever ou imposição. Esta guerra imposta ... Esta guerra que não parou nem sequer um minuto ... Esta guerra que é nossa porque nela crescemos e também ela cresceu connosco. Uma guerra que não selecciona os filhos do Povo Maubere, porque não é uma guerra que mata apenas quem é da FRETILIN, mas também os que anteriormente defendiam a integração; uma guerra que engloba, sobretudo, *TODO* o Povo Maubere nas suas vertentes diplomática, urbana e militar. Cabe-nos agora *PARTICIPAR ACTIVO*, colocando-nos devidamente nessas frentes. Façamos tudo para nos entregarmos totalmente, com devoção e coragem, na firmeza de sermos nós os vencedores, porque é nossa a guerra e é uma guerra em que se decide o destino do Povo ao qual pertencemos. O DESTINO DA PÁTRIA É O NOSSO PRÓPRIO DESTINO; por isso, temos que reforçar a nossa UNIDADE para VENCERMOS, SALVAGUARDANDO O NOSSO DESTINO!

Estamos em guerra e enfrentamos um poderoso regional; por isso, não podemos brincar com esta situação. Apelamos à consciência nacionalista de todos para nos unirmos sob o Plano de Paz do CNRM, a fim de provarmos ao nosso próprio Povo a nossa mentalidade e maturidade políticas, e provarmos também ao mundo a nossa inabalável confiança na capacidade subjectiva, objectiva e sempre inovadora do nosso mui querido Povo Maubere.

Nenhuma solução pode ser considerada definitiva e nenhuma paz pode ser mantida de forma duradoura em Timor-Leste, sem que ela venha a ser resultado jurídico e político de um referendum, tanto perante a comunidade internacional como perante a própria consciência do nosso Povo.

Uma outra parte que é tambem considerada timorense é constituída pelos integracionistas, aqueles que jacarta tanto publicita perante o mundo, mas que, em Timor-Leste, não possuem a importância de que o regime de Jacarta tenta convercer-se. Além do mais, as autoridades ocupacionistas sabem bem que, ao longo destes 20 anos, o seu pequeno número tem vindo a reduzir de dia para dia. O diálogo intra-timorense na Áustria, no mês de Junho de 1995 já provou isso. Por isso é que Jacarta reagiu negativamente perante o referido diálogo e receia os próximos encontros intra-timorenses.

Esta é a causa do medo de Jacarta, este é o verdadeiro motivo que levou Jacarta a recusar a realização de um referendum normal e democrático em Timor-Leste.

Apelamos também aos irmãos desencaminhados. Esqueçam os erros passados. Sejam corajosos no reconhecimento desses erros para criarmos uma nova atmosfera. 20 anos é um longo tempo e agora já é altura de unirmos a nossa força à volta do nosso objectivo comum: LIBERTAR A NOSSA MUI QUERIDA PATRIA TIMOR-LESTE.

A partir dos nossos próprios erros devemos aprender a amar-nos uns aos outros. A guerra, promovida por Jacarata, dividiu-nos; esta guerra deve unir-nos. As FALINTIL, que têm tido abnegação total na defesa da Pátria de todos nós, já se comprometeram a impôr a ordem e a disciplina, para que mais nenhuma gota de sangue de um maubere suje a nossa história. Nós, os jovens e estudantes, principalmente da RENETIL, comprometemo-nos também, num futuro Timor-Leste independente, a não deixar derramar uma única gota de sangue de um Maubere, seja ele integracionista ou não. Porque ao longo destes anos de guerra, a nossa nação já foi demasiado manchada de sangue. Por isso, apelamos a todos, homens e mulheres, velhos e jovens, esqueçamos os erros do passado ; vamos criar uma nova atmosfera de fraternidade; unamos as nossas forças com as organizações de solidariedade internacionais. De mãos dadas lutemos para um só objectivo: LIBERTAR A PÁTRIA SOB A OCUPAÇÃO INDONÉSIA.!

Lisboa, 7 de Dezembro de 1995.

Correcção do texto: "História da minha Vida de Guerrilheiro no Mato" de Alfredo Rodrigues.

Eu fui combatente das FALINTIL, que andavam a lutar nos matos de Timor Leste. A minha vida, como a de outros combatentes, era extremamente difícil em termos do combate contra o inimigo e da procura de auto-abastecimento. A logística era muito difícil. Antes de irmos para qualquer combate tínhamos de preparar a ração de combate – maek, calik, kombili, verduras e sagu. Depois de isto tudo preparado é que íamos fazer a emboscada de _____/. Quando o inimigo fazia batidas ou as chuvas caíam, éramos forçados a uma grande mobilidade: pernoitávamos nas aldeias apenas por uma noite, e no dia seguinte continuávamos as caminhadas.

Estou apenas a dar uma ideia geral, pois a vida de um guerrilheiro das FALINTIL é muito mais difícil do que aquilo que estou a descrever. Por exemplo, em tempo de chuva dormíamos ao relento, sem cobertores ou algo que nos agasalhasse. Quando íamos fazer as ligações inter-zonas ou inter-regionais também tínhamos que preparar a ração de combate. Um guerrilheiro, antes de pôr em cumprimento as tarefas de que foi incumbido, tem que preparar a ração de combate, indo à procura de animais bravos para matar e secar, de cocos para fazer _____ seco. Esta é a vida dos guerrilheiros armados.

A vida da população desarmada é muito mais difícil: a população faz a ligação entre os núcleos desarmados, participa na produção de abastecimentos e participa nas operações, sem armas. Em muitos dos casos, há pessoas que são atingidas pelas balas do inimigo, e na hora da morte gritam ainda a palavra de ordem: A LUTA CONTINUA, RENDER NUNCA! Isto constitui uma vingança, que os sobreviventes guardam sempre para o inimigo.

O que descrevi é apenas uma abordagem geral, sem pormenores.

Lutar para fugir da escravidão!

Malo fumu mafatim, la komi atu rende!

A luta continua, render nunca!